



# ILHA E MEMÓRIA: UMA LEITURA DA OBRA O ÚTERO DA CASA, DE CONCEIÇÃO LIMA

## ISLAND AND MEMORY: A READING OF O ÚTERO DA CASA, BY CONCEIÇÃO LIMA

Naduska Mário Palmeira<sup>1</sup>

### RESUMO:

A fim de propor uma leitura pelo interior da poética de Conceição Lima e buscar marcas das veredas identitárias, memorialísticas, afetivas e de reconstrução da terra natal ou retorno ao *lugar* originário ou *lugar* de afeto que Lima percorre, é preciso viajar pela *Casa* de seu ser, pontualmente, pela poética da obra *O útero da casa* (2004), já que em *A dolorosa raiz do micondó* (2008) o sentido de identidade e de busca da africanidade – e não apenas da são-tomensidade – amplia-se a uma busca mais coletiva que íntima, mais africana que são-tomense, e em *O país de Akendenguê* (2011) a poeta canta sua relação com a África e as pessoas que nasceram de seus encontros com as artes, os amigos, as referências afetivas e políticas, e, sobretudo, traduz em versos/cantos a sua referência musical, figurada no gabonês Pierre Akendenguê. Como ponto de partida, não é de se estranhar que seja esta, *O útero da casa*, a primeira obra – muito embora não seja a primeira manifestação literária da poeta –, uma reunião de poesias que são uma espécie de relato íntimo do parto da Nação e das personalidades que pairam sobre a terra e suas referências míticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceição Lima, afeto, memória, narrativas nacionais, história, mito

### ABSTRACT:

*In order to propose an intensive reading throughout the poetic of Conceição Lima and pursue the subtle marks of identity, memory, affection and hometown reconstruction or the return to the original place or even the affection place where Lima wanders, it is vital to travel through the home of herself, exactly through the poetic of the piece O útero da casa (2004); since in A dolorosa raiz do micondó (2008) the sense of identity and the search for the Africanity - not only for São Tome and Príncipe - has been widened towards a more collective than intimate, more African than from San Tome, and in O país de Akendenguê (2011) this poetess sings her relationship with Africa and the people who were born from their encounter with Arts, friends, affective and political references and, above all, she puts into verses/songs*

---

1 Doutoranda em Letras Vernáculas, UFRJ; naduskam@gmail.com.

her musical reference, the Gabonese Pierre Akendenguê. Her first work - although not the poetess's first literary manifestation -, is taken as the starting point: a reunion of poetry that is a type of intimate account of the parturition of the Nation and also of the Personalities hovering over the land and their mythical references.

**KEYWORDS:** Conceição Lima, affection, memory, national narratives, history, myth

## Introdução

Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como reconheceram os gregos, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.

Martim Heidegger

A poeta Conceição Lima realiza, em sua obra, uma trajetória inovadora para o contexto das artes literárias de São Tomé e Príncipe. Busca, em sua poética, projetar a terra *sonhada* de São Tomé e Príncipe como buscasse re-encontrar a própria *Casa*. Ou defrontar-se com a sua própria identidade e afetividade. Essa trajetória pode ser fruto de uma moldura histórica – que impulsionou os intelectuais das ex-colônias ao exílio (ainda que não tenha sido “forçado”, no caso da poeta) – e de uma perspectiva ontológica – que impõe ao sujeito o paradoxo de permanecer e, ao mesmo tempo, partir de sua terra originária.

Assim, instala-se o paradoxo com o qual a poeta vai lidar em seus textos: voltar e assim estar na casa em que nasceu e, por outro lado, tentar recriá-la a partir da memória da terra construída no “exílio”. Conceição Lima procura escrever uma narrativa da nação como, segundo Homi Bhabha<sup>2</sup>, “uma forma de afiliação social e textual” à “*nationness*”.

Como “o poeta é doador de sentidos” (BOSI, 1983, p.141), o tom dos poemas de Lima, ao narrar a sua própria trajetória sentimental e íntima pelas Ilhas – e longe delas –, é nostálgico, como se se colocassem, a poeta e o eu lírico, de frente para as ilhas, mas em alto mar, vislumbrando a terra, numa posição de confronto e reflexão. E a “sensação” que se pode ter ao ler a obra Conceição Lima é a de que nós, leitores, pairamos sobre as suas palavras, tal como as palavras pairam sobre as ilhas, a fim de conhecermos sua terra e penetrarmos suas entranhas, suas “formas”, sejam elas concretas ou abstratas, reais ou projetadas no corpo do poema, como se pode ler em:

Aqui projectei minha casa:

[...] Aqui  
**sonho** ainda o pilar –  
 uma rectidão de torre, de altar. (LIMA, 2004, p.19, grifo meu)

Segundo Bosi,

A modernidade se dá como recusa e ilhamento. A metáfora da avestruz que cobre a cabeça diante do inimigo é eloquente demais para exigir comentário. E o inimigo avança sem maiores escrúpulos. No entanto, se não há caminho, o caminhante o abre caminhando, é a lição do poeta António Machado. Auto-consciência não é paralisia. E Baudelaire: “o poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo e outro.”<sup>3</sup> (BOSI, 1983, p.144)

Desta forma, a poesia de Conceição Lima abre o caminho para o reconhecimento das mazelas de sua ilha e de sua própria relação com ela, criando, referenciada pela memória dos mitos de formação e pela

2 Cf. os conceitos de “Nação” e “DissemiNação” de H. Bhabha, 1998, p. 198-238.

3 Bosi cita *Petits poèmes en prose*, XII, “Les foules”, de Baudelaire.



frustração do presente – que não corresponde ao desejo nem da voz do povo nem, tampouco, da voz do eu lírico, os quais ainda sofrem com as reminiscências coloniais, ainda que anacronicamente. São Tomé e Príncipe se inscreve, entre as ex-colônias de Portugal, em um contexto em que ainda há de se lutar pela construção de identidade – ou de “identidades em curso” (SANTOS, 1996, p. 135) –, salvaguardando, pela memória, os mitos e, pela escrita, o desejo de se reconhecer como nação. O “comportamento narrativo” (LE GOFF, 2013, p. 389) da lírica de Lima, pois, constrói-se entre a linguagem afetiva, “a melodia dos afetos” (BOSI, 1983, p. 144), guardião dos poetas e mártires de sua terra, e a linguagem de resistência, (re) estruturadora e (re)construtora da casa – íntima e concreta, propondo a “recuperação do sentido comunitário perdido.” (BOSI, 1983, p. 144)

## Paisagem afetiva e memorialística da Casa

Estágio penoso e, no entanto, necessário, se tudo o que é real tem sua razão de ser. Se subtraem ao poeta o direito de dar nome às coisas, é justo que ele, agarrando-se à pele da escrita, exiba, ao menos, sílabas secas, letras traços pontos se não o branco da página.

Alfredo Bosi

A fim de empreender uma viagem pelo interior desta poética e buscar pistas acerca das veredas identitárias e de reconstrução da terra natal ou retorno ao *lugar* originário (ou útero) que Conceição Lima percorre, optei por analisar, pontualmente, os poemas da obra *O útero da casa*, já que em *A dolorosa raiz do micondó* o sentido de identidade e de busca da africanidade – e não apenas da santomensidade – amplia-se a uma busca mais coletiva que íntima, mais africana que são-tomense. Contudo, ainda assim, Lima anuncia um percurso de descoberta/conhecimento do seu próprio povo em *O útero da casa*. Esse conhecimento depende, no entanto, “de uma substância muito mais fundamental que está ela própria sendo continuamente renovada”, como afirma Homi Bhabha, citando Franz Fanon, ao se colocar contra “a forma de historicismo nacionalista que admite haver **um momento** em que as temporalidades diferenciais de histórias culturais se fundem em um **presente imediatamente legível**” (BHABHA, 1998, p. 215, grifos meus).

As palavras de Conceição Lima, ao rememorar o passado, como mencionei *a priori*, parecem pairar sobre a paisagem da sua casa, física, e transformá-la numa paisagem metafísica, sonhada, em um contínuo movimento entre escrever o passado e (re)conhecer-se no presente. Buscam aquela “substância fundamental” que arranca a narrativa histórica do espaço ao qual habitualmente pertencia – os governos, as elites econômicas. Contudo, sem a ênfase panfletária de alguns poetas africanos que levantaram a bandeira da independência e incentivaram a luta, na pele de seus textos, pela consolidação de uma república independente da metrópole – outra tendência da arte poética produzida em São Tomé e Príncipe após a independência, conquistada em 1975 –, Lima adota a postura de alguém que apenas espera, a poeta “rasga sobre o pranto” (e firma na ilha) “o grito da imanência”:

Em ti me projecto  
                   para decifrar do sonho  
 o começo e a consequência  
 Em ti me firmo  
 para rasgar sobre o pranto  
 o grito da imanência. (LIMA, “Ilha”, 2004, p. 27)<sup>4</sup>

4 Os poemas transcritos são parte da obra *O útero da casa* (2004). Outros poemas que, eventualmente, forem aludidos,

O que se lê, como afirma Inocência Mata no ensaio “A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afectivas”, é “uma dinâmica temporal em dois movimentos: o passado e o presente em atividade rememorativa [...] pelos trilhos de uma linguagem testamentária” (MATA, 2010, 201, 216). Testamentária e afetiva, rememorativa e histórica, Lima traça novo percurso nas artes literárias de São Tomé e Príncipe, um percurso que possui uma força narrativa e psicológica, e, parafraseando Bhabha, uma poética em que a ambivalência da “nação”, ou do sentimento íntimo em relação à casa, surge como estratégia narrativa.

Na maioria dos poemas de *O útero da casa* o que se percebe é um desejo (personificado, algumas vezes, em homens ou ossos de homens mortos) que paira sobre a paisagem insular e decifra-se sob a pele delgada das palavras poéticas que dão vida à casa – muito embora uma casa diáfana, obscura, por vezes –; dão vida, pois, ao início de tudo, de toda a vida e da esperança: ao útero.

Ao útero pode-se também chamar mística ou criação dos mitos de fundação nacionais. “O mito, quando cruza o limiar do poema, recupera a inocência que perdera no compromisso com esta ou aquela ideologia abstratamente considerada”, como afirma Bosi (1983, p.153). O Rei Amador, que pertence ao tênue limiar entre o mito e a história de São Tomé e Príncipe, retorna, utopicamente, na concretude das palavras, para lutar, outra vez mais, pelos homens mortos e escravizados de seu país, como se pode ler no poema “Segunda revolta de Amador”:

De novo as nuvens  
cobrirão o pico  
e os homens marcharão sobre a planície. (LIMA, 2004, p. 26)

Observa-se, no poema “1975” – a seguir citado – que o desejo de liberdade de Amador não se concretiza e o eu lírico se defronta (ou poderia dizer: confronta-se?) com a utopia desfeita, a verdade da juventude, unida à inocência e ao sonho de que tudo se pode realizar quando se é jovem:

Diz que éramos inocentes, invencíveis  
e adormecíamos sem remorsos sem presságios  
[...]

Oh, sim! Éramos jovens, terríveis  
mas aqui – nunca o esqueças – tudo aconteceu  
nos mastros do poema. (LIMA, 2004, p. 24)

Assim, a “verdade” do passado, bem como os sonhos dos jovens, destroçam-se e se tornam nostálgicos (“aqui tudo aconteceu / nos mastros do poema”), objeto de elaboração poética – e íntima. O desejo não satisfeito de uma nação liberta, aos moldes das aspirações do eu lírico, que atua como uma voz para a qual convergem os sonhos do povo, é uma verdade que se coloca diante do mesmo, nua e dolorosa, como se pode observar em “Sabemos agora”, poema em cuja essência vê-se expressa a condição presente da terra e os resultados não satisfeitos das lutas dos homens sonhadores de outrora (“diz que éramos inocentes, terríveis”), certeza marcada pelo verbo saber no presente do indicativo, na primeira pessoa do plural:

**Sabemos** agora que a Praça é minúscula  
A extensão da nossa espera  
Nunca coube em tais limites. (LIMA, 2004, p. 28, grifo meu)

---

constarão em nota.



Sobre a verdade, Clarice Lispector tece uma reflexão em *A paixão segundo G.H.* (2009) que considero pertinente mencionar e comparar à entrega aflita e amorosa que se pode perceber no conjunto de poemas que compõe *O útero da casa*:

Por enquanto estou **inventando** a tua presença, como um dia não saberei me arriscar a morrer sozinha, morrer é do maior risco, não saberei passar para a morte e por o primeiro pé na primeira ausência de mim. [...]  
Mas é que a verdade nunca me fez sentido. A verdade não me faz sentido! É por isso que eu a temia e a temo. **Desamparada eu te entrego tudo – para que faças disso uma coisa alegre.** Por te falar eu te assustei e te perderei? mas se eu não falar eu me perderei, e por me perder eu te perderia. (LISPECTOR, 2009, p. 17, grifos meus)

Clarice Lispector [1925-1977] é escritora brasileira que, no campo da prosa, apresenta suas indagações e suas dúvidas acerca do Ser. A relação entre Lima e Lispector não ocorre, pois, no campo do gênero. Para a poeta são-tomense, a diferença está na maneira de apresentar as indagações e dúvidas, o que lhe permite ultrapassar as restrições puramente ideológicas da poesia engajada, tão conhecida no contexto das lutas anticoloniais na África. Assim, Lima estrutura um ambiente lírico, mas não menos crítico; idealizado, mas não menos atento às tramas da realidade política do país, como se pode observar em “Roça”, poema em que dá voz aos contratados das roças e questiona, pela boca do eu lírico:

Perguntam os mortos:

Porque brotam raízes dos nossos pés?

Porque teimam em sangrar  
em nossas unhas  
as pétalas dos cacauzeiros?

que reino foi esse que plantámos? (LIMA, 2004, p. 30)

Num contexto diferente, Clarice Lispector empreende, a partir de G.H., uma viagem interior sobre o amor, as relações de afeto e todas as consequências de estar em uma relação amorosa. Analogamente, o eu lírico de Conceição Lima olha para dentro de si mesmo e encontra a poeta que busca re-encontrar sua identidade na terra que a gerou. Ele o faz, no poema “Mátria”, com um *status* de quem reflete acerca de uma relação amorosa, representando a Mátria como um corpo a habitar:

[...]  
Um degrau de basalto emerge do mar  
e na dança das trepadeiras reabito  
o teu corpo  
templo mátrio  
meu castelo melancólico de tábuas rijas e de prumos. (LIMA, 2004, p. 17)

O maior risco, como afirma G.H., é o de morrer sozinha, não conseguir reconhecer-se e perder-se. A questão do pertencimento, que exigiria um tempo maior de discussão, coloca-se na poética de *O útero da casa*; e, por saber que a busca do mesmo oblitera os caminhos de construção identitária, Conceição Lima negocia os limites do seu “ser são-tomense”, nostálgico, com a sua própria experiência diaspórica (pois viveu em Londres), o que a faz (parafrazeando Zygmunt Bauman ao discutir questões acerca de cultura, pertencimento e construção identitária) ter um olhar privilegiado acerca de sua terra, entre a intimidade e a distância. Contudo, Conceição Lima constrói o seu castelo com tábuas rijas, firmes, embora melancólico, e não apenas busca “pertencer” à terra em que nasceu, mas compreendê-la, desvendá-la e “reabilitá-la”.

Como afirma Bauman em entrevista a Benedetto Vecchi,

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e (tornamo-nos conscientes) de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – **e a determinação de se manter firme a tudo isso** – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 56, grifos meus)

Por isso, por não fazer parte de um grupo restrito de pessoas que estão fora de um contato íntimo com a terra, Conceição Lima é a poeta que está mais próxima dela, ao mesmo tempo em que, aludindo ao que propõe Inocência Mata no prefácio a *O útero da casa*, constrói o relato de uma geração, convoca e re-elabora, em alguns poemas, uma possibilidade de reconstrução identitária, coletiva e individual são-tomense através de lugares metonímicos como a terra e a Casa:

[...]  
Quando à casa regressar  
A pátria fugitiva

Da trouxa dos dias guardarei ainda  
O murmúrio das preces e a vigília  
A **obstinada memória** das águas eternas. (LIMA, 2004, p.59, grifos meus)

Ou como, no poema “Afroinsularidade”, de maneira mais ampla, o eu lírico pensa em sua identidade amalgamada às ilhas e ao continente; e o contar dessa história individual não deixa de envolver todo “o árduo contar da própria coletividade”:

Às vezes penso em suas lívidas ossadas  
seus cabelos podres na orla do mar  
Aqui, neste fragmento de África,  
onde, virado para o Sul,  
um verbo amanhece alto  
como uma dolorosa bandeira. (LIMA, 2004, p.39)

Desamparado ou por vezes para “exorcizar demônios”<sup>5</sup>, no útero da casa, o eu lírico se sente acolhido e entrega-se, não sem uma certa nostalgia e alguma dor; vislumbra, em constante busca, um caminho que seja transformado em prazer (“coisa alegre”), retomando a alusão ao desejo da amante G.H., personagem clariceana. Entrega-se à Casa, pois. E ampliando-a, elimina quaisquer barreiras:

[...]  
Enorme era a janela e de vidro  
que a sala exigia um certo **ar de praça**.  
o quintal era plano, redondo  
**sem trancas nos caminhos**. (LIMA, 2004, p. 19, grifos meus)

Complementa Inocência Mata:

[...] subsiste (a par de um olhar de apetência epopeica) outra cadência mais intimista, em que se mesclam vozes de felicidade que intentam reverter a apetência para a nostalgia regressiva, e, em que perpassam paisagens visando neutralizar a nostalgia do tempo de ilusão. [...]

5 “As palavras do poema constituem uma espécie de exorcismo do demônio” (MOISÉS, Massaud. *Apud*: MATA, 2010, p. 201).



Pela rememoração ou reinvenção de lugares felizes são convocados valores que se pretendem perenes e condizentes com o bem-estar societário. (MATA, 2010, p. 205)

Desta maneira, o olhar para a nação e a tentativa de reinventar *lugares*, neutralizar a nostalgia e de, enfim, recontar a história a partir de desejos e memórias afetivas e traços que confluem para um olhar feminino, transforma a perda temporária da *Casa* numa linguagem metafórica, “que transporta o significado de casa e de sentir-se em casa [...] através daquelas distâncias e diferenças culturais que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação” (BHABHA, 1998, p.199). Ademais, o eu lírico quer-se lúcido, caso consiga transportar-se para o útero, para a casa ou Matria:

Quero-me desperta  
se ao útero da casa retorno  
para tactear a diurna penumbra  
das paredes  
na pele dos dedos reviver a maciez  
dos dias subterrâneos  
os momentos idos

Creio nesta amplidão  
de praia talvez ou de deserto  
creio na insónia que verga  
este teatro de sombras

E se me interrogo  
é para te explicar... (LIMA, 2004, p. 17)

A lucidez desejada pelo eu lírico não exclui, entretanto, os signos do poema em dúvida ou risco. São signos feitos mais de “vontade, de consciência e de imaginação do que pura memória” (BOSI, 1983, p. 177).

A guardiã da memória são-tomense é uma poeta de seu tempo, do presente, do poema distópico e das entranhas do útero, da língua que tateia as paredes delgadas e frágeis da pátria, em contínua revisão dos tempos e da construção do futuro. É política e amante. Nutre-se da pulsão erótica para corporificar os pilares abstratos de uma casa concreta. Paradoxo este que apenas a linguagem poética poderá amalgamar, apenas na arte poderá coexistir.

## Em modo de conclusão

Reinventar imagens da unidade perdida, eis o modo que a poesia do mito e do sonho encontrou para resistir à dor das contradições que a consciência vigilante não pode deixar de ver. Às vezes, o intelecto transforma em substância eterna essa pena [...]; mas, ainda aqui o filósofo soube ver na arte a pausa bem-vinda que suspende por algum tempo a certeza da carência e da dor. (BOSI, 1983, p.1355)

O enigma é outro – aqui não moram deuses  
Homens apenas e o mar, inamovível herança. (LIMA, 2006, p.53)

Para além de uma tentativa de pensar a identidade nacional, desejo levantar uma tese e algumas hipóteses – que não serão devidamente desenvolvidas aqui, porque demandam pesquisa mais cuidadosa – a fim de concluir: pode-se afirmar, nessa obra, o objetivo de construção da nação ou, novamente, pensar a identidade sob uma nova perspectiva, a do feminino.

As obras de Conceição Lima aludem a este aspecto, pois seus títulos evocam explicitamente o mundo que a cultura patriarcal tem estabelecido para as mulheres: casa, útero, dor (parto) etc. Por hipótese,

haveria na obra da poeta a possibilidade de mudar o ponto de observação da identidade são-tomense, pois que possui um olhar mais sensível e íntimo do que descritivo sobre sua Casa? Cobra-se, indiretamente, neste caso, uma escuta à voz das mulheres, mesmo que Lima tenha sido precedida por outras “vozes” femininas como as de Alda Espírito Santo e Manuela Margarido. Critica-se, portanto, de maneira sutil, a preponderância do olhar masculino na experiência social e estética das ilhas?

Homi Bhabha, ao analisar os escritos políticos de Julia Kristeva, sugere que

...ela parece argumentar que a “singularidade” da mulher – sua representação como fragmentação e pulsão – produz uma dissidência e um distanciamento dentro do próprio vínculo simbólico que mistifica “a **comunidade** da linguagem como um instrumento universal e unificador, que totaliza e iguala” (KRISTEVA *Apud* BHABHA, 1998, p.210).

Acredito que certa singularidade como, por exemplo, na escolha do léxico, da obra de Conceição Lima represente um acréscimo – para alterar o “rumo” do olhar – à cultura da nação são-tomense, e que ela desmistifica o discurso histórico nacional, transformando a nação, a cultura ou a identidade em sujeitos de um discurso que parte do ponto de vista da mulher e passa a ser, aludindo a Kristeva, um “objeto de identificação psíquica”, já que a poeta mergulha em sua nação-Casa, em suas lembranças, partindo da hipótese de um retorno ao útero. Sua poética poderia ser observada/identificada como a/uma elaboração da dificuldade (ou da impossibilidade) de renascer na Casa, para tatear, como revela, em “Mátria”, a “diurna penumbra / das paredes / na pele dos dedos reviver a maciez / dos dias subterrâneos os momentos idos”.

E quando te perguntarem  
responderás que aqui nada aconteceu  
**Senão na euforia do poema.** (LIMA, 2004, p. 24, grifos meus)

E como bem lembra Roland Barthes acerca da importância da literatura:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1999, p. 17)

Parece-me que algo novo está acontecendo na literatura são-tomense, que nova(s) voz(es) se levanta(m), brotadas do solo fértil de vozes que antes se fizeram ouvir e, hoje, parecem emudecidas (como a de Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, Manuela Margarido, Alda Espírito Santo), abrindo as veredas para uma poeta como Conceição Lima fazer literatura e colocar, no palco de sua *ars poetica*, as personagens-artistas que a constituem como um ser guardião de tempos imemoriais e de mitos fundamentais para se conhecer São Tomé e Príncipe – política, social e afetivamente.

## REFERÊNCIAS:

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOSI, Alfredo. “Poesia resistência”. In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983, p.139-90.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 7. ed. São Paulo: Ed. Unicamp, 2013.



LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

\_\_\_\_\_. *A dolorosa raiz do micondó*. Lisboa: Caminho, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 17.

MATA, Inocência. *Polifonias insulares*. Cultura e literatura em São Tomé e Príncipe. Lisboa: Colibri, 2010.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 2.ed. Porto: Afrontamento, 1996.

**Texto submetido em 29 de agosto de 2016 e aceito em 17 de outubro de 2016.**